

Notas da Escola de Comunidade com Julián Carrón Por videoconferência de Milão, 20 de outubro de 2021

Textos de referência: J. Carrón, L. Giussani, “Nenhum dom de graça vos falta”, Passos, n. 240, out. 2021, pp. 20-33 e J. Carrón, Há esperança? O fascínio da descoberta, capítulos 5 e 6, São Paulo: Cia Ilimitada, 2021.

- *L'iniziativa*
- *La prima vez*

Glória

Boa noite a todos! Bem-vindos ao nosso primeiro encontro de Escola de Comunidade deste novo ciclo, após o Dia de Início de Ano.

Em primeiro lugar, agradeço de coração a todos aqueles que nos últimos dias rezaram por mim (como pedi a vocês no Dia de Início de Ano). A cirurgia correu bem, o médico ficou muito satisfeito com o resultado e nos próximos meses terei que continuar com os exames e tratamentos necessários. Obrigado de novo a todos!

Qualquer situação que vivamos pode se tornar uma oportunidade de reconhecer o que nos faz viver. Numa conversa, ontem, uma amiga me contou como até mesmo algo tão bonito como a pesquisa científica – com que trabalha – pode se tornar chato e perder o interesse. Ela percebeu isso porque, enquanto trabalhava, ficou surpresa ao ver que a única coisa que esperava era o intervalo do café e sempre reclamava quando alguém perguntava como ela estava. Por que isso acontece mesmo quando fazemos algo de que gostamos? Na conversa com ela me ocorreu que Dom Giussani identifica a origem do nosso desinteresse, do nosso cansaço e das nossas queixas com “uma falta de método” que faz com que “a raiz, aquilo de onde tudo vem, a fonte da energia e da inteligência, seja considerada óbvia. E não é mais alimentada, não é mais nutrida, não é mais ajudada pela nossa atenção e pela nossa vontade, por isso é como se lentamente tendesse a desaparecer, a se tornar abstrata”. E ele conclui essa reflexão assim: “É um problema, numa vida como a cristã, considerar óbvio de algum modo aquilo que é a sua origem contínua” (Fraternidade de Comunhão e Libertação, *Documentação audiovisual*, Dia de Início de Ano de CL, Milão, 14 de setembro de 1975). Quando perdemos a fonte de onde brota o que torna a vida diferente, é um problema!

Como podemos nos ajudar na vida cotidiana a não considerar óbvia a origem contínua? Paradoxalmente, algumas vezes recuperamos a consciência dela quando nos deparamos com fatos que nos incomodam, como uma pessoa me escreve: “No encontro organizado pela minha paróquia como início de ano da catequese, nenhuma criança e nenhum pai apareceu, e eles nem sequer comunicaram a ausência. E não é que não há crianças na vila! Na praça silenciosa em frente à igreja, estavam o padre da paróquia e nós três catequistas olhando uns para os outros, ou melhor, eles olhando para no chão e eu olhando para seus rostos apáticos e mudos [este é um exemplo do que dissemos no Dia de Início de Ano sobre a secularização: o deserto avança]. Mas o desalento que vi no rosto silencioso do padre, a quem sou muito ligada há anos, não arranhou a minha esperança. Fiquei espantada: o que há em mim que muda meu juízo sobre as coisas quando tudo é marcado pela tristeza e pela amargura? O que há em mim que vence o desespero e a solidão que nos cercam? Dom Giussani disse que ‘paradoxalmente, no fundo, o momento em que a crise chega é o maior momento de esperança’ (L. Giussani, G. Testori, *Il senso della nascita*, Milão: Bur, 2013, p. 154). Que graça poder ler esse testemunho, que grande alento, que gratidão fazer parte disso com toda a minha consciência, minha pobre pessoa, minha fragilidade, minhas fraquezas! Como é interessante viver o cristianismo desse modo e desejar vivê-lo não abaixo desse nível de consciência, aberto ao mundo, forte, certo, cheio da presença d’Ele que quer abraçar a todos, chegar a todos no lugar em que estão”.

O cristianismo só continuará sendo interessante para cada um de nós se o vivermos com esse nível de consciência, “certos, cheios da presença d’Ele”, ou seja, se a “origem contínua” não for dada por óbvia.

Fiquei muito impressionado com as duas exposições do Meeting (a sobre as séries de TV e a com o título “Viver sem medo na era da incerteza”) e decidi, com todas as minhas turmas, partir dali, daquele vazio e daquela incerteza que estava vivendo nesta nova fase da minha vida. Parti destas feridas que vivi e que vivo, provocadas por uma realidade que muitas vezes não é como eu desejo, e pelos meus limites de caráter. O que aconteceu me surpreendeu. Uma garota, durante a aula, disse: “Eu não queria começar a minha vida, é tudo culpa dos meus pais” (exatamente como uma das personagens de uma das séries), outra acusou-me de ser “mau” porque ela já pensava neste vazio todas as noites antes de dormir e não era suportável para ela falar disso também na aula com um professor e ficar ainda pior. Outra garota, depois do bloqueio de algumas horas do Instagram e do WhatsApp, me disse: “Sentia-me perdida, já não sabia como me distrair” e à minha pergunta a todos os alunos sobre de que precisavam se distrair, muitos me responderam: “da vida”, “da realidade”. Tudo se torna ocasião para ir ao fundo do que você nos disse sobre as feridas e tudo se torna ocasião de encontro. Mas o que me impressionou ainda mais foi perceber, no fim da aula, que o que tinha acontecido não era meu, ou seja, não era fruto das minhas capacidades muitas vezes inadequadas e desajeitadas, mas de uma Presença e de uma pertença que provocaram em tantos jovens uma curiosidade e um desejo de partilhar durante o intervalo ou no fim da aula alguma coisa deles e as suas perguntas: “professor, por que é tão difícil levantarmo-nos de manhã sabendo que será um dia horrível?”, “professor, mas todo o tempo que estou desperdiçando agora nos bancos da escola será útil para o meu futuro?”, “professor, por que é que todos os dias me sinto um peso para todos?”, “professor, eu não vou mais à igreja porque estou zangada com Deus, que não fez nada por uma pessoa querida que morreu com Alzheimer, mas queria falar disso com você”. Tornou-se claro para mim o que disse Dom Giussani na frase que você citou: “O mundo de hoje foi reconduzido ao nível da miséria evangélica; no tempo de Jesus o problema era como fazer para viver e não quem tinha razão”. Este início foi extraordinário, acima de tudo, porque me permitiu dar-me conta do dom recebido na experiência feita com o Movimento nestes trinta anos. “Nenhum dom de graça vos falta”: quando olho para o meu passado, e sobretudo para o meu presente, posso afirmar com absoluta certeza de que esta frase para mim é verdadeira, como você dizia: “Nada consegue pôr em discussão a segurança inexaurível da graça que nos é dada e renovada todas as manhãs” apesar de cada dia ser rodeado por este vazio e por estas feridas, aliás, mesmo através do vazio e das feridas. Não há maior evidência de que na minha vida tudo foi gerado pelo encontro com o carisma de Dom Giussani. Obrigado pelo caminho que fazemos juntos. Estou impressionado por reconhecer e ver concretizadas na experiência de vocês as palavras de Dom Giussani sobre a “falta de método” que li no início em resposta à nossa amiga pesquisadora. Como você disse, dar-se conta do dom que recebemos, ou seja, não considerá-lo óbvio, torna o início “extraordinário”. Nós não dependemos de um resultado, da situação dos jovens e de suas reações, e nem da nossa capacidade. Somos determinados unicamente pela origem presente – é dela que procede toda novidade, quando não é considerada óbvia –, da qual a situação em que vivemos nos torna conscientes, mesmo uma situação como a que você descreveu. Se você não tivesse se confrontado com os meninos, poderia ter continuado considerando óbvia a graça que lhe aconteceu. O relacionamento entre você e os seus estudantes, mesmo quando contestado, fez você reconhecer, com gratidão, a extensão da graça recebida. E essa experiência fez com que você entendesse toda a verdade existencial da frase de Giussani: “Tornamo-nos espetáculo para nós mesmos [...] de segurança inesgotável que depositamos na força da graça que nos é doada e renovada a cada manhã” (p. 21), que nada consegue pôr em discussão. Não há urgência maior do que essa, todas as manhãs. É a consciência dessa graça que nos permite levantar de modo diferente dos outros (é isso que os jovens esperam ver no nosso rosto) e poder oferecer desse modo, vivendo a graça que nos

torna diferentes, levando-a estampada no rosto. Como você disse: “Não há evidência maior do que o fato de que na minha vida tudo foi gerado pelo encontro com o carisma de Dom Giussani”. É por isso que muitos de vocês perceberam a pergunta de Taylor – citada no Dia de Início de Ano – como um dom. Isso também aconteceu no Reino Unido?

Sim, aqui também, incrível! Fiquei muito surpresa e emocionada ao perceber que o primeiro milagre que não deve ser considerado óbvio é justamente o fato de estar aqui hoje e de não ter abandonado essa história (apesar do escândalo, da dor e da incompreensão que sempre experimentei, já que continuamos sendo homens cheios de limites), como você nos lembrou, mas me comoveu ainda mais ouvir a frase de Charles Taylor que você citou e começar a torná-la minha. Na última semana tornou-se um “incômodo” que continua ecoando dentro das coisas que faço todos os dias, na vida cotidiana (levar um filho na creche, trocar a fralda e amamentar o outro, cozinhar, limpar a casa, fazer compras, conversar com a vizinha, estar diante do meu marido e seu estresse no trabalho, tentar entender o que fazer quando terminar a licença maternidade). Eu me pergunto: “Por que fiquei? Por que eu fico? Por que eu dirijo tarde da noite na segunda-feira para chegar à Escola de Comunidade onde há tantas pessoas com as quais não tenho tanta familiaridade? Por que vou à missa na minha paróquia onde, tendo chegado apenas seis meses antes da pandemia, ainda não conheço ninguém além do antigo pároco, que acaba de ser enviado para o exterior?” Eu não entendi tudo o que foi dito no Dia de Início de Ano, assim como não entendo tudo o que é dito na Escola de Comunidade (e ainda bem, devo dizer!), mas, como Pedro, posso dizer: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Assim, muitas vezes fica evidente uma correspondência com o que eu vejo e ouço e uma plenitude de vida que eu não posso negar, a ponto de, mesmo continuando a errar e a esquecer mil vezes, posso dizer que já fui “plasmada” por este encontro e por esta história, e por isso sou grata por poder seguir e pela certeza da sua conveniência. Essa evidência que se impõe diante dos meus olhos também é o que me permite voltar ao jogo depois de dezoito meses de lockdown num país que por muitas razões acho que ainda não conheço, faz eu me sentir em casa e me dá esperança no futuro. Mais uma vez lhe agradeço pela amizade e pela paternidade que você demonstra por nós.

Então, se prestarmos atenção (como Dom Giussani nos disse) ao que acontece na nossa vida, como superamos o que ele chama de “falta de método” que nos faz considerar óbvia a origem? Você falou de “um ‘incômodo’ que continua ecoando dentro das coisas que faço [...]”. Eu me pergunto: ‘Por que fiquei?’, lembrando a pergunta de Taylor. E fica surpresa – vejam como podemos perceber o alcance da frase de Giussani! –: “o primeiro milagre que não deve ser considerado óbvio é justamente o fato de estar aqui hoje e de não ter abandonado essa história” porque “são evidentes uma correspondência [...] e uma plenitude de vida”, pela qual “posso dizer que já fui ‘plasmada’ por este encontro [...]. Essa evidência [...] se impõe diante dos meus olhos”. Se essa evidência não se impõe como um fato existencial, todo o resto prevalece: todo o cansaço, as dificuldades, as lutas diárias.

Quando essa evidência deixa de ser o que determina o presente, não porque eu a negue – atenção, você não disse que a tinha negado –, mas simplesmente porque é considerada óbvia, o que determina a vida?

Impressionou-me muito a pergunta que Taylor fez sobre o que aconteceu em Quebec nos anos 60. A pergunta emergiu em mim de forma prepotente no início deste ano letivo, porque o pensamento mais recorrente era: “Ainda estou aqui, na escola, dando aulas” (e lhe asseguro que entre nós professores esta é uma frase recorrente. Havia e há um cansaço, um desejo de não se empenhar e a tentação, muito frequente, de ir embora; não da escola, porque me dá o salário, mas de um compromisso, de pôr em ação a minha humanidade. Mas o Senhor não me deixa dentro deste não desejar. Assim aconteceu com um aluno meu. Normalmente, diante de escassos resultados da parte dos meus alunos, tenho tendência a ser brusco, mas um dia disse-lhe: “Ok, olha, a matemática é importante, mas não é a coisa mais importante da vida”. No outro dia, ele me encontrou no

corredor e me deu um pequeno presente, dizendo: “Professor, você falou sobre isso na aula do outro dia e fiquei com a impressão de que gostaria de tê-lo, procurei e queria lhe dar”. Fiquei muito surpreendido e então perguntei: “Mas como fez para perceber que eu ia gostar?” E ele respondeu: “Olha, professor, eu não entendo as coisas que ensina, mas eu o escuto porque daquela vez o senhor também me ouviu”. Voltando para casa perguntava-me o significado disto e voltavam à minha mente as suas palavras sobre pessoas significativas e pensei como esse rapaz me fez agradecer ao Senhor pelo meu trabalho, com todos os limites que tenho. É algo pequeno, mas me faz voltar à sala de aula cada dia pondo em ação todo o meu ser, até os meus limites e as minhas faltas, porque se não estivesse ali ouvindo aquele rapaz com todo o meu ser, com toda a minha pobre humanidade, provavelmente em mim ficaria apenas a vontade de ir embora. Voltaram à minha cabeça as palavras de Dom Gius que você nos mostrou: “Quando nos levantamos de manhã, o que é que desejamos? Temos de nos esforçar – é verdade – para ultrapassar todos os detritos dos desejos que instintivamente se apresentam ao nosso cérebro, à nossa consciência, à nossa alma, temos de resistir a isso e penetrar nestes detritos para irmos ao fundo de tudo, deste desejo da Sua recordação!” (p. 30). Obrigado por tudo.

Como vocês podem ver, apesar de tudo o que aconteceu conosco, podemos começar a trabalhar vendo prevalecer “um cansaço, um desejo de não se empenhar e a tentação, muito frequente, de ir embora; não da escola – porque lhe dá o salário! –, mas de um compromisso, de pôr em ação a minha humanidade”. Quando Dom Giussani disse que o Movimento tem como único objetivo “pôr em ação a nós mesmos” (p. 27), isto é, pôr o eu em movimento, como estava certo! Se não somos postos em movimento, renunciamos ao compromisso com a nossa humanidade. Nesse ponto, o Mistério pode usar de qualquer pessoa – às vezes a menos previsível, como um garoto apático, mas leal, com a presença que está na frente dele – para nos chacoalhar, para nos despertar à autoconsciência de que precisamos para viver. Que perspicácia tem esse garoto! “Olha, professor, eu não entendo as coisas que ensina, mas eu o escuto porque daquela vez o senhor também me ouviu”. Isso fez você voltar para casa agradecendo ao Senhor por conhecê-lo. É assim que podemos acordar e – se formos atentos – não dar mais nada por óbvio: “Esta coisa pequena faz-me voltar à sala de aula cada dia ponto em ação todo o meu ser”, ou seja, empenhando-se com a sua humanidade. E isso se torna uma possibilidade para seus alunos também: na verdade, a pior coisa que pode acontecer a eles é que você pare de se empenhar com a sua humanidade. Quando você se empenha, mesmo aquele que tem dificuldade em matemática pode começar a acordar. Quem sabe o que você ainda vai descobrir naquele garoto que começou a se mover no centro do seu eu!

Desejo contar uma pequena coisa que me aconteceu. Depois de pôr as crianças na cama, num momento de rara seriedade com a vida, em vez de assistirmos televisão “jogados” no sofá, eu e meu marido decidimos ler juntos o texto do Dia de Início de Ano. Quando comecei a ler em voz alta a breve introdução e o primeiro ponto, comovi-me porque percebi que me descrevia naquele preciso momento. Nestas manhãs, voltava para casa depois de levar as crianças à escola e surpreendia-me sempre cheia de uma grande nostalgia, que tantas vezes se tornava uma inquietação e pensava que a causa era a incerteza do meu trabalho. Passei o dia tentando fazer coisas úteis – também para o meu futuro –, mas o sentido de vazio aparecia. No final do dia, meu marido chegou em casa e, como sempre, preparamos o jantar e pondo as crianças para dormir. Ainda nada de extraordinário. Porém, alguma coisa aconteceu: enquanto lia o primeiro ponto, dei-me conta dos pequenos gestos de atenção e de bondade do meu marido naquela noite, gestos cheios de uma estima e de um afeto não ligados àquilo que faço ou não pela família, àquilo que consigo ou não fazer pelo meu trabalho. Gestos que diziam simplesmente: “Estou contente por te ver e quero estar contigo agora”. Gestos que nos dias anteriores existiram, mas que não tinham me comovido: tinha considerado óbvios, sem dar-me conta da graça que existia, e que existe, dei-me conta apenas a partir do momento em que escolhi não considerar óbvia a minha pertença à Igreja e ao Movimento, lendo o texto do Dia de Início e saindo da zona de conforto não mental, mas real, do sofá e da TV! Quando uma pessoa se dá conta de que a Graça existe, e que existia antes quando

não a via, a tristeza – é verdade! – torna-se amiga, porque me permite perceber que a única coisa de que tenho necessidade é daquela Graça, daquele carinho. Aquele carinho dá um sentido à minha existência: existe Alguém que me quis aqui, agora. A minha vida, em todas as pequenas coisas, é preciosa para Ele. Eu sou, eu existo... graças a Deus. Obrigada de novo e bom trabalho.

Sem um instante de rara consciência da sua humanidade e de seriedade para com o humano, tudo o que você descobriu teria passado despercebido, amiga. Ter dado espaço ao que dissemos no Dia de Início de Ano, fez você descobrir os gestos de atenção e de bondade de seu marido e fez você se sentir amada (“Estou contente por te ver e quero estar contigo agora”). É disso que precisamos: “Dessa graça... dei-me conta apenas a partir do momento em que escolhi não considerar óbvia a minha pertença à Igreja e ao Movimento”. Que alcance essa descoberta tem!

Como essa experiência facilita a compreensão de outra parte do texto da Escola da Comunidade, a frase de D’Annunzio citada por Dom Giussani, que provocou um “choque” na nossa mentalidade?

Nestes últimos dias li e reli a intervenção de Dom Giussani que você nos propôs no Dia de Início de Ano. Tenho o desejo de compreender cada vez melhor o que nos comunicou e, por isso, queria fazer algumas perguntas. Gostaria de entender melhor, por exemplo, o que me parece ser a passagem do amor ao outro (com ‘o’ minúsculo) para o amor ao Outro (com ‘O’ maiúsculo): existe essa “passagem”? E, se sim, as duas formas de amor – por assim dizer – estão ligadas? Acontecem no mesmo momento? Logo a seguir, há uma outra parte que tenho dificuldade em compreender e que diz respeito à frase de D’Annunzio: “Eu tenho aquilo que dei” (p. 28). Quando ouvi esta frase, instintivamente pensei que – independentemente da personalidade de D’Annunzio – era uma expressão consensual e que Giussani a citava em sentido positivo. Seria uma expressão do dom de si, ou seja, se não dou, se não ofereço, não tenho nada, não possuo nada. Portanto, um hino à generosidade, um ataque ao egoísmo. Ouvi-lo, em vez disso, criticar duramente esta frase confundiu-me e até me entristeceu. Pensei que, afinal, devo estar ainda longe do modo de julgar de Dom Giussani. Penso que o que ele critica é o voluntarismo subentendido na frase de D’Annunzio, em que tudo parece centrado na capacidade da pessoa e na sua força de vontade. Era isso que queria pedir que você explicasse. Ocorrem-me as frases do livro O anúncio feito a Maria, que tantas vezes evocamos e que Claudel põe na boca das suas personagens “Será que o fim da vida é viver? (...) O fim não é viver, mas morrer e dar, sorrindo, o que temos” e “Que vale o mundo ao lado da vida? E que vale a vida, senão para servir e ser dada?” (P. Claudel, O anúncio feito a Maria, São Paulo: AGIR, 1968, pp. 145-146). Qual é a diferença entre o “dar” a que se referem estas frases e o “dar” de que fala D’Annunzio?

Eu lhe agradeço, porque você nos mostrou em que consiste o trabalho da Escola da Comunidade a que somos chamados: uma comparação entre o que pensamos e o que nos é proposto. Você achava que o que D’Annunzio disse era certo e ficou surpreso com as duras críticas de Dom Giussani. Os amigos que falaram antes de você documentaram – se estávamos atentos – a verdade do que Dom Giussani diz: “‘Eu tenho’ – disse D’Annunzio – ‘aquilo que dei’. Não há nada mais ilusório e, por isso, mais mentiroso do que isto”. Por quê? Porque essa afirmação dá por óbvio que eu tenho a energia, a força para fazer algo por mim mesmo. É por isso que Dom Giussani diz que a frase certa é: “Eu tenho o que me foi dado!” (p. 28). A primeira “atividade”, sempre dissemos, em referência ao décimo capítulo de *O senso religioso*, é uma “passividade”, é receber. Dom Giussani repete isso quando fala da caridade: o dom de Deus é a primeira iniciativa. “Com amor eterno eu te amei, por isso te atraí com misericórdia” (cf. Jr 31,3). Por isso “eu sou, eu constituo, eu tenho o que me foi dado” (p. 28), porque eu não sou nada de mim. A primeira coisa que eu preciso entender é que tudo o que sou me é dado.

Qual, então, é o erro de D’Annunzio – assim como muitas vezes é o nosso –? Considerar a origem como óbvia. “Não somos capazes”, diz Giussani, “de querer bem, [ou seja, de dar], de ser amigos, se não reconhecermos que fomos amados” (p. 28). Esta é a grande novidade que Jesus introduziu: “Vós não vos amastes primeiro, eu vos amei primeiro!” (cf. Jo 4,19). E essa precedência acontece sempre, não apenas no início. Por essa razão, continua Giussani, “ser desejado, existir significa

continuamente ser desejado [...] ser amado [...] ser chamado do nada a cada momento. É a consistência do meu eu que Tu me queiras” (p. 28). Quanto mais tivermos consciência disso, mais, depois, poderemos dar. O nosso dar nasce do recebermos continuamente. Se isso não for entendido, não poderemos resistir por muito tempo sem acabar dependendo do retorno, do que os outros nos dão em troca. Se não partirmos da graça que recebemos e que nos é doada constante e gratuitamente por Cristo para conseguirmos continuar amando, sempre teremos a pretensão de que o outro responda e, por isso, mais cedo ou mais tarde vamos nos cansar e parar de “dar”; e a frase de D’Annunzio se revelará em toda sua falsidade.

Por isso, é interessante nos ajudarmos a entender o que Giussani nos diz, ou seja, que é decisivo o crescimento da nossa autoconsciência, do reconhecimento de que minha consistência é “que Tu me queiras, ó Deus” (p. 28). A autoconsciência é isso. E, como vemos, está longe de ser óbvia, na verdade, muitas vezes esquecemos dela e, como D’Annunzio, partimos ao ataque com o nosso fazer, sem perceber, pensando que somos a origem de tudo.

Por isso é crucial identificar na experiência o que sempre desperta essa consciência, como escreve um de vocês: “Enquanto lia algumas passagens do Dia de Início de Ano, impressionou-me muito uma coisa e, assim, comecei a trabalhar sobre ela. Qual é a coisa mais importante que tenho? A companhia, as mulheres, o dinheiro, o pôr do sol, a carreira, tudo o que me rodeia? Qual é a coisa mais importante que tenho? A autoconsciência, saber quem sou, saber o que estou fazendo no mundo, a finalidade que tenho, esta é a coisa mais importante que tenho, não há outra; se não tenho isto, não sei por que vivo. Mas sozinho não consigo manter a minha autoconsciência (sobretudo nestes tempos), distraio-me e, com o tempo, esqueço-me [este é o problema: que a origem, o objetivo, desaparece da nossa consciência por esquecimento e distração]. Então, Jesus criou uma história, uma companhia guiada ao destino. E eu, procurando, seguindo com o coração, posso sempre adentrar-me mais na carne do dia com esta novidade”, sem a qual não há frescor na vida. Essa é a consciência que D’Annunzio não tinha, mas que nosso amigo tem: “Sozinho não consigo”. Nós também podemos pensar como D’Annunzio, se alguém não vier em nosso auxílio.

A história do Decreto que está envolvendo a Fraternidade do Movimento, e sobretudo a que se relaciona com os Memores Domini, provocaram-me profundamente e fizeram surgir a pergunta: como eu vivi e como vivo o carisma no meu cotidiano? Redescobri em mim a responsabilidade real pelo carisma, a profunda gratidão a Quem me agarrou através desta história particular. E verifiquei que esta é a oportunidade concreta através da qual Cristo vem de novo ao meu encontro e me diz: “Tu me amas?” Sexta-feira à noite fui convidada para jantar na casa de uma colega mais nova, com quem nasceu uma bela relação de estima recíproca. Há algum tempo tinha me enviado uma mensagem no celular: “Estou vendo você como se estivesse aqui... um rosto trabalhador, sofredor, mas infinitamente doce. Uma dessas pessoas caridosas que você encontra por acaso e te dão vontade de abraçar porque elas sorriem para você do fundo de sua experiência humana, e de repente te recompensam pela outra metade do mundo, a daquelas pessoas que vivem afundadas em seus poços escuros”. Ao contar-lhe sobre a vocação (ainda não tinha dito nada sobre isso), comovi-me, porque lhe disse que a única razão adequada e verdadeira que diz quem eu sou, que me dá o olhar diferente que via em mim, é que fui e sou querida e amada continuamente, em cada instante, tal como sou, por Cristo; que no caminho no Movimento estou aprendendo sempre a estimar mais a minha humanidade e a dos outros, familiares ou estranhos. Ela ficou sem palavras, depois disse: “De qualquer maneira, vê-se que você é uma mulher equilibrada”. Pensei em Dom Giussani, que no Dia de Início de Ano disse: “Ama-se a nossa própria identidade quando se ama Outro... Pode não ser olhado por ninguém, mas quem se dá conta disto é um homem livre, equilibrado, talvez com um olhar dolorido sobre o real” (p. 28). E pensei nestas palavras de Dom Giussani que você nos lembrou: “À medida que amadurecemos, tornamo-nos espetáculo para nós mesmos e, Deus assim o queira, também para os outros. Espetáculo de limite e de traição, portanto de humilhação e, ao mesmo tempo, de segurança inesgotável que depositamos na força da graça que nos é doada e renovada a cada manhã. Vem daqui a audácia ingênua que nos caracteriza” (p.

21). *O desejo da memória de Cristo nos meus dias nunca é considerado óbvio, não é fruto de uma minha força de vontade, não está ligado simplesmente a uma regra: apercebo-me de que é dado, renovado em cada instante, e que a minha liberdade é bem usada nem que seja só por ceder a este desejo. Obrigada por sua paternidade neste caminho cada vez mais fascinante.*

“O desejo da memória de Cristo nos meus dias nunca é considerado óbvio”: isso é o que torna a vida diferente, não os nossos sucessos, não que as coisas corram de acordo com os nossos pensamentos. Só a memória de Cristo nos torna livres de todo o resto e nos equilibra. Mas como ganhamos essa autoconsciência para que a nossa vida seja livre e não dependamos das migalhas que caem da mesa de alguém? “A única razão adequada e verdadeira que diz quem eu sou [...] é que fui e sou querida e amada continuamente, em cada instante, tal como sou, por Cristo”. Adquirimos autoconsciência se não damos isso por óbvio, caso contrário, tudo é reduzido a voluntarismo, como afirma D’Annunzio.

Mas, então, de que precisamos para que a memória de Cristo em nossos dias nunca se torne óbvia? Qual é o objetivo de pertencer ao Movimento, ao carisma?

Que nenhum dom de graça me falta é o que é continuamente posto diante de mim e lembrado, mesmo de forma evidente, imprevisível, bem como inesperada, para me tornar ainda mais consciente do Autor fiel. Dois fatos, nos dias seguintes ao Dia de Início de Ano, tornaram isto ainda mais evidente. O primeiro: numa mensagem, um meu ex-colega de trabalho (na verdade, estou aposentado há dez meses) me disse que pensou em mim; está preparando um concurso e me escreveu: “Sempre me perguntei ‘o que você faria?’” e depois: “isso diz muito”. Em “isso diz muito” está todo o reconhecimento de uma relação significativa e boa que me faz dizer: “verdadeiramente quando se pertence, só é preciso respirar para ser uma presença”, porque, nos poucos anos de trabalho conjunto, eu não fiz nada além do meu trabalho. O segundo fato. Tomei conhecimento de que uma fornecedora com a qual trabalhamos habitualmente está muito doente, com uma doença grave diagnosticada recentemente. De imediato, enviei uma mensagem para a filha que trabalha com ela. Menos de um minuto depois, a filha me ligou. Agradeceu-me pela lembrança e pela proximidade, mas disse que estava me ligando, acima de tudo e principalmente, porque a mãe dela, desde a última vez que nos encontramos ainda sem saber da sua doença, continua a falar sobre como eu a tinha olhado naquela manhã e sobre como eu a cumprimentei..., “como se ele tivesse visto tudo... e tivesse partido com dor”, contou sua filha ao telefone, e acrescentou: “Eu sempre notei em você um olhar diferente, bonito, mas até este ponto... quero agradecer muito”. Perguntei-me: por que é que ela, que não foi objeto desse olhar, me telefonou? Que reverberação teve a história da mãe sobre a filha?! E o que terá visto a mãe?

Somente quando despertamos do nosso torpor, da nossa distração (como estamos vendo), do nosso esquecimento, podemos trazer a novidade que nos foi dada mesmo que apenas – como você disse – olhando para o outro, porque ali está tudo o que recebemos. Isto é o que temos na circunstância em que somos chamados a viver para responder ao apelo da Igreja.

Primeiro de tudo, agradeço a paternidade que você sempre mostrou por cada um de nós. Os fatos destes últimos tempos, relativos à Fraternidade, e especialmente o Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, estão me interrogando sobre o que significa viver a experiência do Movimento e da Fraternidade. Estou inscrito há mais de 35 anos e é realmente, para mim, a Graça de Deus que se faz presente todos os dias. O Papa, no encontro de 16 de setembro com os responsáveis pelos movimentos, apelou a cada um de nós: “Como membros de associações... com dedicação, buscais viver e fazer frutificar os carismas que o Espírito Santo, por meio dos fundadores, concedeu a todos os membros de vossas realidades associativas, em benefício da Igreja... este Decreto leva-nos a aceitar algumas mudanças e a preparar o futuro a partir do presente” (Francisco, Discurso, 16 de setembro de 2021). Perguntei-me o que poderia significar para mim que a Fraternidade faça modificações no Estatuto. A princípio pensava nisso quase como em algo que tinha pouco a ver comigo e que você e a Diaconia da Fraternidade iriam certamente

escolher o melhor. Mas depois retomei a questão sobre o que é o carisma para cada um de nós. Como você nos lembrou recentemente, “cada um tem a responsabilidade pelo carisma que encontrou” e tem-na para todo o mundo. E então surpreendi-me numa atitude diferente. Cada um de nós é um sujeito, um eu, ativo na Fraternidade. Então, a modificação do Estatuto tem a ver comigo – e como! – justamente por esta consciência, que se apoia na autoconsciência a que nos chamava durante o Dia de Início do Ano. A modificação do Estatuto interpela-me também a mim e será uma riqueza – para nós e para todos – o trabalho que daí irá surgir. É por este motivo que espero que o esboço preliminar que irão preparar possa circular amplamente em todos os nossos grupos de Fraternidade, para que cada um possa dar a sua própria contribuição. Obrigado.

Obrigado, porque você nos lembrou novamente como é fundamental que todos nós levemos cada vez mais a sério a afirmação de que “cada um de nós é responsável pelo carisma que encontrou” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, p. 121), como nos disse Giussani. Como eu já anunciei a vocês, está em andamento um trabalho orgânico de adequação do Estatuto da Fraternidade às disposições do Decreto Geral que entrou em vigor em 11 de setembro último. A Diaconia da Fraternidade discutirá o mais rápido possível um primeiro esboço, a ser submetido à avaliação do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. Vocês serão prontamente informados dos conteúdos e dos primeiros resultados desse trabalho, para que cada um de vocês possa exercer, como você deseja, sua responsabilidade na Fraternidade. Esse trabalho representa uma primeira fase do exercício da responsabilidade de cada um. De fato, depois que o Dicastério aprovar todas as mudanças estatutárias necessárias, a maior responsabilidade a que seremos chamados – como o Decreto pede a cada membro da Fraternidade – será o de reconhecer quem o Espírito nos dá para nos guiar, segundo o método indicado por Dom Giussani, como ouvimos: “O mestre não se escolhe: reconhece-se!” (p. 32), porque nos é dado pelo Espírito Santo. Algumas sugestões sobre como viver essa responsabilidade foram oferecidas por Giussani no áudio que ouvimos durante o Dia de Início de Ano.

*Oi. Quando, retomando as palavras de Dom Gius, você disse “O importante na vida é reconhecer o mestre! Porque o mestre não se escolhe: reconhece-se! Mas, como reconhecê-lo?”, isto me deu vontade de ir buscar a parte do ponto 9 de Deixar marcas na história do mundo, no parágrafo “Um carisma na prática: a responsabilidade de cada um”. No final, lemos: “Esta é a nossa virtude: a comparação com a originalidade do carisma por meio do efêmero de que Deus se serve. [...] Por ora, a comparação, em última instância, é com a pessoa com quem tudo começou. Ela pode desaparecer, mas os textos que deixa e a sucessão ininterrupta – se Deus quiser – de pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira do que aconteceu, tornam-se instrumento para a correção e para a renovação; tornam-se instrumento para a moralidade. A linha dos pontos de referência indicados é a coisa mais viva do presente, pois um texto, por si só, pode até ser mal interpretado: é difícil que seja mal interpretado, mas pode acontecer. [...] Se dar a vida pela obra de um Outro não indica uma referência precisa, sua historicidade desaparece, seu caráter concreto se enfraquece: já não damos a vida pela obra de um Outro, mas pela nossa interpretação, pelos nossos gostos, pelo retorno que podemos ter ou para afirmar o nosso ponto de vista” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit, p. 123). Agora vem a minha pergunta: como é que o reconhecimento do mestre pode não ser fruto da minha interpretação, como disse Dom Giussani? Porque me corresponde mais olhar para o que a autoridade está olhando naquele momento do que seguir a minha inspiração ou antipatia ou simpatia. Obrigado.*

Aquilo a que a Igreja nos chama agora é reconhecer a referência de que fala Dom Giussani. E o método que ele nos indicou não muda: “O mestre não se escolhe: reconhece-se!” (p. 32). A alternativa – que devemos entender bem – é entre a escolha e o reconhecimento: se cada um de nós escolhe de acordo com o que pensa, de acordo com a própria interpretação, ou se reconhece aquele que, na experiência, se revela como um auxílio para responder à nossa verdadeira necessidade. Temos esse tempo à nossa disposição, até as eleições dos novos responsáveis da Fraternidade (na

modalidade definida pelo novo Estatuto que será aprovado pelo Dicastério), para exercitarmos esse reconhecimento, cada um no lugar em que está. E se estivermos atentos ao que vivemos na experiência, cada um poderá a partir de agora começar a reconhecer quem o Espírito Santo nos dá.

No trabalho desta semana aconteceu um fato que me ajudou a entender mais sobre quem é o mestre, a autoridade. Percebi que isso vale não só para mim, mas também para as pessoas que encontramos. Na segunda-feira de manhã, cumprimentando uma colega e perguntando como tinha sido o fim de semana, ela me contou sobre a dificuldade que vive com uma pessoa querida. Ela listou todas as suas falhas, fazendo uma série de recriminações, até compreensíveis. Eu a aconselhei a falar com essa pessoa e expor sinceramente seu desconforto, sem fazer recriminações sobre o que estava errado, mas tentando provocá-la com perguntas que trariam à tona as coisas que a preocupavam, como: “Você está feliz? O modo como nos relacionamos é suficiente para você? Você não quer compartilhar o que está te acontecendo, para que você não viva sozinha as suas dificuldades ou as coisas boas?” No dia seguinte, ele me agradeceu e disse: “Você não imagina como me ajudou”. Depois de falar isso, começou a chorar e me pediu para ser ajudada neste caminho. “Não é coincidência eu ter te conhecido neste momento de dificuldade”. Isso me impressionou, pelo que ouvimos no Dia de Início de Ano: “O que, então, é necessário para reconhecer o mestre?” Você disse: “A consciência da natureza da nossa verdadeira necessidade, uma consciência clara de si [...]. Não há outro critério”. Para a minha colega foi assim, e também é assim para mim, como era para Dom Giussani, que disse: “Se eu desejar [certas] coisas, Deus faz-me aprendê-las com quem as vive, com quem já as vive” (p. 32). O ponto, então, é ter consciência da nossa verdadeira necessidade, porque só assim podemos identificar as presenças que nos fazem estremecer pela correspondência ao nosso coração. Muito obrigada pelos passos de consciência que você me ajuda a dar, pois dessa forma é possível realmente saborear a vida cotidiana.

Deus me faz aprender o que eu desejo não com aqueles que eu decido ou que escolho, mas com quem já o vive. É um reconhecimento que devemos acatar se não quisermos decidir a partir da nossa cabeça. É uma obediência ao que acontece, como você lembrou com as palavras de Dom Giussani: “Se eu desejar [certas] coisas, Deus faz-me aprendê-las com quem as vive, com quem já as vive”, às vezes, da forma mais inesperada.

Olá a todos. Em agosto, comecei o doutorado em Berna. Uma noite, fui jantar na casa de uma família do Movimento que fica a meia hora de ônibus. Nunca os tinha visto na minha vida, não temos nada em comum, mas foi uma noite em que me senti em casa. Havia uma tal sintonia injustificada que me abriu sobre a minha vida, sobre a minha família e as dúvidas que me incomodam e que não tinha sequer contado aos meus amigos mais próximos. No regresso a Berna, no ônibus, fiquei surpreendido, grato por estar ali (parece absurdo) e com menos medo do futuro que me espera, que antes, pelo contrário, me apavorava. Perguntava-me: “O que é que aconteceu esta noite? Como é possível sentir-se assim com pessoas que não conheço? De onde vem esta sintonia? O que mudou a minha posição? Foi apenas uma noite agradável com amigos?” Na Jornada de Início de Ano encontrei a resposta: “‘Carisma é a forma com que o Espírito, a energia do Espírito nos faz vislumbrar a evidência, a verdade da fé e a sua capacidade de transformação’. Ora, um carisma suscita afinidade e ‘essa afinidade se chama comunhão. A realidade da comunhão que vive se chama Movimento’”. Não pude dar outra explicação para este fato senão a fé vivida no Movimento, o único fator que tenho em comum com esta família de desconhecidos. Uma experiência como esta torna razoável a fé em Jesus Cristo, fisicamente encontrável, garante uma liberdade e uma unidade humanamente impossíveis de reproduzir e permite uma verdadeira experiência de paz. Permitam-me fazer uma reflexão final. Esta experiência é também o critério com que estou me confrontando com o Decreto sobre os movimentos. O carisma para mim é o que experimentei naquela noite, e é isso; e é possível porque o Movimento chegou a mim (e a eles) por meio de outras pessoas que me contaram sobre ele. Esses outros seguem o caminho que você nos

indica e, para mim, não há mais nada. Os colegas dos anos 60 reconheceram o que estava acontecendo diante de seus olhos e o que estava vivo para eles, como emergiu das citações de Bertazzi em sua mensagem pela morte dele. Não sei como tudo isso se traduzirá do ponto de vista da revisão do Estatuto da Fraternidade, mas sei que quando a experiência da fé não se torna o critério para olhar para o apelo da Igreja, inevitavelmente, acaba-se na intriga, da qual o Papa nos adverte continuamente.

Portanto, o critério para esse reconhecimento se dar é a experiência da fé. Por isso nunca me cansarei de repetir as palavras de Dom Giussani, que citei no Dia de Início de Ano: “Uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente [por exemplo, durante um jantar], confirmada por esta [que faz você voltar para casa diferente do que era quando chegou lá, com menos medo do futuro] [...], não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário” (pp. 21-22). Vimos isso nas intervenções desta noite. Este é o método usado por Deus: “A Deus, ninguém jamais viu, o Filho foi quem o revelou”, e depois: “Quem me vê, vê o Pai” (p. 29).

Somos todos chamados ao reconhecimento dessa Presença. Mas como? Como ouvimos um de vocês citar antes: “Nós também não compreendemos o que tu dizes, mas, se formos embora, a quem iremos?” (p. 29). Não fomos nós que decidimos sobre essa Presença, não a escolhemos, mas a encontramos diante de nós e a reconhecemos, assim como João e André, sem precisarem não sei que tipo de estratégia ou discussões entre eles. Por quê? Porque a vida, “há dois mil anos, a vida nova”, disse Dom Giussani, era experimentada estando “com a Sua presença”, com uma Presença que os discípulos tinham reconhecido e que não tinham escolhido. “Há dois mil anos a vida nova era estar com a Sua presença. Acontecia, estando na Sua presença [...]. Nascia o eu com sua consistência transparente, cristalina, com sua força [...], com sede e capacidade de querer” (p. 30). Usando as palavras de Dom Giussani no Dia de Início de Ano, podemos dizer que o método está todo aqui: “A vida nova era estar com a Sua presença”.

Mas cada um de nós poderia se perguntar: “E hoje? Onde reconheço a Sua presença? Onde está, enquanto vemos que as igrejas se esvaziam, que ninguém vai ao catecismo e que as pessoas abandonam a Igreja?” Onde está, então, a Sua presença? O ‘onde’, não somos nós que decidimos. A presença d’Ele, hoje, está onde fazemos a experiência de uma vida nova! É simples, o método não muda, assim como foi no início para João e André. Não se trata de uma vida nova (prestem atenção ao esclarecimento de Dom Giussani) pela brevidade do instante – como foi para os Escribas e Fariseus e para toda a multidão que iam ver Jesus por curiosidade, ou por interesse, ou para receber milagres e iam embora –, mas de uma vida nova que se torna cada vez mais sua, cada vez mais minha quando estou na Sua presença. Senão, nós também não teremos motivo para ficar.

Nós faremos experiência da vida nova se identificarmos e reconhecermos o que a vida nos dá, senão, com o tempo, não continuaremos ligados à Igreja, ao Movimento e não teremos motivo para ficar. Para poder permanecer na Igreja, hoje (o mesmo pode ser dito em relação ao Movimento), é preciso uma experiência presente, tão real, tão consistente, que não haja nada mais desejável do que ela. Não acho que possamos ter uma tarefa mais fascinante nos dois anos que temos pela frente em que a Igreja nos pede para mudarmos a liderança da Fraternidade.

Da seriedade e lealdade com que realizarmos esse trabalho, da atenção que dermos a ele, do nosso envolvimento, vai depender (atenção, aqui está a gravidade – no sentido de valor decisivo – da situação!) a possibilidade de descobrir o que precisamos para permanecer na Igreja. Podemos identificá-lo indo a um jantar ou das outras maneiras que ouvimos descritas esta noite. Se começarmos este trabalho a partir de agora, quando chegar o momento do processo eleitoral, estaremos aptos para reconhecer as presenças que nos ajudam a viver. Se, ao contrário, perdermos tempo, quando chegar a hora de fazer a escolha através do voto, ou melhor, de reconhecer quem deverá nos guiar – como a Igreja nos pede – seremos determinados pelas nossas reações ou pelas nossas interpretações, ao invés do reconhecimento do que a vida nos dá, de onde encontramos a vida.

Bom trabalho e bom caminho a todos!

Avisos:

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade será realizada na quarta-feira, 17 de novembro, às 21h, por videoconferência. Neste mês vamos continuar o trabalho sobre o Dia de Início de Ano (como vocês podem ver, há muito para trabalhar!) e os capítulos 5 e 6 de *Há Esperança?* Se não voltarmos ao percurso que Dom Giussani nos propôs, tornando-o nosso, sucumbiremos às nossas interpretações.

Lembro que é possível enviar perguntas e breves contribuições para o e-mail sdccarron@comunioneliberazione.org; para os estrangeiros, até a sexta-feira à noite e para os italianos até o domingo à noite anteriores à nossa reunião, deixando um número de celular para podermos entrar em contato.

Inscrição na Escola de Comunidade 2021/2022 [na Itália]. Até 30 de novembro é possível renovar sua inscrição na Escola de Comunidade para 2021/2022. A inscrição na Escola de Comunidade é um gesto educativo simples, mas – como vocês veem – crucial para nos chamar à seriedade de um trabalho constante sobre o que normalmente damos por óbvio. Sem esse trabalho, o que nos aconteceu desaparecerá, e começaremos nossas manhãs dando tudo por óbvio.

Livro do mês [na Itália]. Lembro que o livro do mês para outubro e novembro é *Occhi che non vedono*, de José Ángel González Sainz, publicado pela Bur-Rizzoli. O texto está disponível tanto no formato impresso quanto em e-book.

Tracce [edição italiana da revista *Passos*]. A partir de 1º de novembro começa a nova campanha de assinaturas, intitulada: *Passos claros, amizade longa*.

Assim como no ano passado, a campanha de assinaturas convida a “trazer novos amigos”. Além disso, este ano nos dirigimos aos muitos novos amigos que na campanha anterior receberam a assinatura como um presente, para que eles mesmos possam renová-la. Pedimos àqueles que no ano passado doaram uma assinatura que sejam os promotores dessa renovação, usando sua iniciativa e criatividade: vocês podem contar o que acontecerá escrevendo para a redação da Revista. Nos próximos dias, serão comunicados os detalhes da campanha.

O Movimento propõe que todos apoiem estes dois gestos nos próximos meses:

Em primeiro lugar, o Dia Nacional da Coleta de Alimentos, que [na Itália] será realizado no sábado, 27 de novembro, “presencialmente”, do modo tradicional, respeitando as regras anti-Covid em vigor. De domingo, 28 de novembro, até o dia 5 de dezembro, em alguns supermercados também será possível continuar a Coleta com a modalidade *cartão*, como já foi experimentado no ano passado.

Para todas as informações, acesse o site www.bancoalimentare.it.

O outro gesto é a Campanha Tendas AVSI, que este ano tem como título: *O desenvolvimento é você. O tempo da coragem*.

Apoiarão projetos no Haiti, Uganda, América Latina, Líbano e Itália para as famílias que foram mais atingidas pelas dificuldades relacionadas à pandemia.

Para quem deseja organizar eventos em apoio à Campanha Tendas, é necessário entrar em contato com a AVSI através dos contatos indicados no site www.avsi.org, na aba “Campanha Tendas”.

Para nós, participar desses dois gestos não é apenas um ato de solidariedade, por melhor e útil que sejam, “à D’Annunzio”, podemos dizer. A proposta que fazemos é resumida pelo slogan lançado anos atrás pelo Banco de Alimentos: “Compartilhar as necessidades para compartilhar o sentido da vida”. Olhar no rosto as pessoas que encontramos, tendo nos olhos o que dá sentido à nossa vida, é o maior ato de caridade que podemos fazer. Não percamos a oportunidade de nos envolver, fazendo a verificação do que temos de mais caro. Assim, talvez, não daremos por óbvio, porque alguém nos fará lembrar qual é o dom que recebemos.

Pandemia e Gestos das comunidades. Como estamos vendo, aos poucos grande parte das restrições anti-covid estão sendo relaxadas ou removidas. Por favor, avaliem sempre com atenção as formas de serem propostos os gestos nas comunidades, também consultando especialistas na área (médicos ou gestores de segurança e prevenção), para entender quais medidas devem ser tomadas. No entanto, convido-os a considerar com liberdade e sem esquemas as formas dos gestos, também levando em conta o que descobrimos de positivo durante esses quase dois anos de pandemia.

Para todos os outros avisos da vida do Movimento na Itália lembro que a plataforma “Avvisi CL” está ativa, também disponível no App para smartphones.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos! Obrigado.